

Palestra do Guia Pathwork® n° 153
Palestra Anteriormente Editada
2 de junho de 1967.

A NATUREZA AUTORREGULADORA DOS PROCESSOS INVOLUNTÁRIOS

Saudações, meus queridos amigos.

Que vocês possam, mais uma vez, encontrar bênçãos através do auxílio, da força e do esclarecimento que estas palestras podem lhes dar. Esta última palestra do período será um sumário e, ao mesmo tempo, lançará luz sobre o próximo passo que precisa ser dado – se não em ação concreta, pelo menos em perspectiva e em compreensão de para onde você se dirige e porque permanece preso de certa forma.

A presente palestra resume o período que fica para trás e, ao mesmo tempo, traz um vago conhecimento prévio dos passos que devem ser dados no próximo estágio do nosso trabalho conjunto.

Naturalmente que alguns dados que estão presentes têm que dar mais alguns passos antes que possam discernir o seu real significado; não obstante, um esforço para compreender, não apenas com a mente, mas com o coração, tornará muito mais fácil aquilo que está por vir em seu caminho de autodescoberta.

Resumindo mais uma vez, e talvez com uma abordagem diferente, o objetivo da autorrealização é trazer para a realidade todos os potenciais adormecidos. Significa integrar o ego com processos até então involuntários. O ego consiste da faculdade exterior de raciocínio e da faculdade da vontade. Os processos involuntários compreendem sentimentos, intuição e, o que é mais, certas manifestações que operam de acordo com os fundamentos mais significativos e legítimos da vida. Ninguém que não tenha se aproximado do limiar da autorrealização pode captar a maravilha e a beleza dessa parte da criação.

A batalha humana é no sentido de se apegar às faculdades do ego. Isso se dá porque o ser humano teme desesperadamente os processos involuntários. Ele teme tudo o que diz respeito a estes, de forma consciente ou inconsciente, ou ambas. Ele teme a espontaneidade dos seus sentimentos. Ele pode ignorar esse fato por acreditar que algo é um sentimento, quando na verdade meramente registra uma sensação ou uma reação ao meio que o cerca.

Algo que não é espontâneo e involuntário, que é diretamente, e não indiretamente, governável pelos processos do ego, não pode ser legitimamente chamado de sentimento.

Porque o homem teme os processos involuntários? Porque, na verdade, ele os teme mais que praticamente qualquer outra coisa na vida, quando o melhor da vida é resultado do processo criativo involuntário? Nada que tenha verdadeiro valor, que seja realmente significativo e satisfatório, de valor duradouro, jamais pode ser produto de funções do ego, do controle direto do ego. Porque o

homem é inclinado a destruir, dominar, negar e manipular a vida criativa – isto é, os processos involuntários – e substituí-los pelas faculdades do ego, muito menos adequadas, muito menos sábias, ricas e criativas, que não passam de partículas isoladas da consciência maior, que opera através das funções involuntárias?

Antes de responder a essa questão apontarei, também para o benefício de alguns novos amigos que estão aqui, pela primeira vez, que esse exercício excessivo de controle do ego e a negação dos processos involuntários criam um tremendo desequilíbrio na personalidade. Isso cria uma enfermidade ou caso se prefira, uma neurose, em grau maior ou menor, dependendo de quanto o ego controla a vida criativa interior. O ser humano parte da premissa – com frequência de forma consciente ou pelo menos semiconsciente, mas jamais de forma totalmente inconsciente – de que ele é tanto mais saudável quanto mais exerce controle sobre os seus processos involuntários. Essa concepção errônea faz com que ele se dirija em um sentido que é o mais oposto possível ao seu equilíbrio interior, à realização dos seus melhores potenciais, à rica plenitude da vida em todos os níveis do seu ser, ao bem-estar saudável.

Para alcançar tudo isso, ele deve reverter essa direção. Quanto ele se inclina a supercontrolar e dominar os processos involuntários interno e quanto mais teme a estes últimos, mais conflitos e infeliz ele se torna e mais vazia é a sua vida. De fato, ele se torna nada mais que uma casca vazia e sem vida, mantida por rígidas defesas que ele jamais ousa abandonar. Ele entra em um círculo vicioso: quanto mais força em uma direção equivocada, mais se perde em sua vida; mais problemática se torna a sua vida, menos capaz ele fica de viver sua vida. Uma vez que acredita que isso resulta de um controle insuficiente por parte do ego, ele tenta aumentar esse controle em lugar de reduzi-lo, envolvendo-se ainda mais profundamente nesse círculo vicioso. A única forma de reverter esse quadro é, como foi mencionado, abrir mão da rígida vigilância que exclui toda a vida criativa interior e usar as faculdades do ego de outra maneira, que explicarei resumidamente.

As funções involuntárias, que devem ser chamadas à ação, estão operativas o tempo todo. Voltando à questão de porque o homem teme os processos involuntários, temos que considerá-la em dois níveis fundamentais. Quando ele está envolvido no círculo vicioso que acabei de mencionar, é porque baseia certas conclusões a respeito da vida e da sua relação com ela em ideias falsas. Estas são com frequência inconscientes e formam as imagens de que já falamos. Essas concepções errôneas, profundamente alojadas na substância da alma, compelem o ser humano a agir de acordo com essas premissas. Uma vez que as premissas são falsas, as ações e emoções que delas derivam são inevitavelmente destrutivas e dirigidas para a defesa de algo que não existe.

Por essa razão, os resultados devem ser opostos ao que ele realmente deseja. Resumindo, ele age contra os seus próprios interesses. A substância da alma é uma usina de energia, de poder infinitamente maior do que o homem mesmo remotamente se dá conta. Quando um indivíduo é levado a agir de acordo essas imagens, o poder é usado negativamente. Quando o homem está livre de ilusões e concepções errôneas e se encontra, portanto, em contato com o seu Eu Verdadeiro, com um nível de realidade cósmica, o poder em ação é construtivo e positivo.

Esse poder é tão altamente carregado que qualquer coisa pode ser moldada com ele. Ele é força criativa em si mesmo. Mas é neutro no sentido de que só pode ser usado, ou só pode fluir, na direção que a mente, com os seus conceitos estabelece. Assim, o poder opera automaticamente. Ele parece acontecer por si mesmo. As ideias incrustadas, não mais ativas embora permaneçam nos ar-

redores, agem como uma força motriz do poder, e as ideias tornam-se autoperpetuadoras. Elas encontram a sua manifestação externa nos eventos criados pelas ideias.

Uma pessoa que ainda permanece inconsciente daquilo em que realmente acredita, e também das leis da vida, ignora essas conexões e pensa que os eventos nada têm a ver com as suas ideias. Ela ignora o poder criativo que existe em si mesma e que este está disposto de forma a agir negativamente em sua vida. Um caminho como o nosso Pathwork destina-se a trazer à luz essas ideias e imagens inconscientes. Elas são realmente inconscientes, para começar. Uma vez, porém, que você descobre que abriga, lá bem no fundo, equações e conclusões que são completamente contrárias às suas razões e à sua inteligência consciente, começa a perceber que instituiu, com essas conclusões agindo sobre a energia vital criativa, processos involuntários que são destrutivos. Uma vez que a energia capturada nessas imagens opera de acordo com as convulsões das imagens, o processo involuntário, inconsciente é destrutivo.

A mente consciente é um instrumento das percepções e conexões inconscientes que realmente existem, mas só pode traduzi-las de forma nebulosa. Quer dizer, quanto mais a pessoa tem consciência dos processos internos e até então inconscientes, mais exatamente ela irá compreender as “mensagens” que lhes chegam. Mas quando um indivíduo ainda é impelido por imagens inconscientes, e é portanto impulsionado pelos processos involuntários negativamente operacionais, ele não tem opção senão temê-los.

Por conseguinte, em um nível o medo é explicado pelo fato de que grande parte dos processos involuntários do ser humano conduzem-no para experiências negativas, devido à presença de falsas ideias inconscientes. Ele teme simplesmente essas forças involuntárias autoperpetuadoras. Ele não é capaz de explicar por que. Ele ignora que essas forças só são perigosas ou negativas porque operam de acordo com algumas das próprias ideias. Ele ignora o fato de que uma vez que essas ideias sejam desafiadas e que se provem falsas, o mesmo poder autônomo passa a ser digno de confiança. Em lugar disso, a sua solução é não confiar em quaisquer processos involuntários e proteger-se contra eles por meio de uma estrita vigilância, levada a efeito com o uso das faculdades do ego. E mais, ele ignora o quão prejudicial é essa “solução”. De fato, a pessoa média não tem qualquer ideia do que está fazendo e porquê.

A pessoa que segue um caminho de autoconfrontação inevitavelmente descobre as suas conclusões, incrustadas e até então inconscientes, acerca de importantes aspectos da vida. Gradualmente ela começa a dissolver essas imagens através do reconhecimento e instalando ideias verdadeiras na substância da alma. Ela começa a observar o poder dessas imagens, da energia nelas envolvidas, da natureza automática, involuntária, dessas energias. Pouco a pouco, através dessa compreensão e observação, você pode recriar conclusões corretas. Elas então começarão a trabalhar construtivamente para você. Prosegue-se daí para liberar novas correntes de energia que se movem de acordo com uma lei maior. Você jamais precisa temê-las.

Todavia, quando isso começa a acontecer, quando as imagens foram encontradas e começaram a ser dissolvidas em certa medida, quando a autoaceitação e a observação trazem uma nova compreensão e harmonia para a vida interior, você ainda, nesse ponto, se descobre temerosa dos processos involuntários. E isso nos traz ao segundo nível da questão.

A esta altura, você pode ter chegado a compreender estes preceitos em teoria: que os processos involuntários não precisam ser destrutivos, que eles só o são de acordo com as suas concepções errôneas ocultas. Contudo, na realidade, você ainda teme as forças involuntárias autopropetadoras. Você ainda crê que precisa defender-se contra elas. Para ajudá-lo a prosseguir desse ponto, no qual muitos se encontram agora, as palavras que se seguem podem ser exatamente o que você precisa, contanto que trabalhe com elas. O sumário do material passado, abordado dessa forma específica, foi necessário para conduzir ao que vem agora.

O próximo passo é este: como você pode começar a confiar nos processos involuntários? Como estar certo de que, mesmo depois de dissolver a falsa conclusão que formou certas imagens, a energia fluente então disponível não o levará também ao perigo e à destruição, uma vez que você abra mão do estrito controle do ego?

A menos que você confie nos processos involuntários, o exagerado controle do ego não pode ser abandonado e você jamais pode convencer-se da natureza benigna dessas forças criativas no seu próprio interior. Processos involuntários produtivos e criativos não podem tornar-se operantes enquanto você não os encorajar; enquanto você não os desejar e não se entregar a eles. Se você não se soltar e permitir que eles aconteçam e não fizer com que todo o seu ser o deseje, jamais pode experimentar a prova do caráter confiável dos processos criativos involuntários, contidos em toda alma humana. Para chegar a esse ponto, devem ser feitas certas novas considerações para explicar porque é possível confiar nos processos involuntários.

As palavras que falarei agora são destinadas a abrir nova compreensão a esse respeito. Eu percebo, e espero que todos vocês percebam, que não é suficiente só ouvi-las. Elas precisam ser tomadas muito seriamente, é preciso dar-lhes muita atenção com o seu ser mais íntimo, com as suas melhores intenções e sua melhor vontade; é necessário que você se abra completamente, abandonando as defesas que o fazem tão fechado para novas ideias que parecem ameaçá-lo e tão propenso a rejeitá-las. Quando o controle do ego é muito intenso, essas palavras podem realmente parecer ameaçadoras. Aquilo que é salvação parece ser perdição. Você lutou contra essa direção por toda a sua vida. Agora dizem-lhe para fazer exatamente o oposto daquilo que você pensava que era necessário fazer. Não é possível imaginar que isso vá dar certo.

Mesmo aqueles que têm estado engajados neste Pathwork por algum tempo e que realmente fizeram importantes progressos não acham fácil cruzar o portal e chegar ao estado mental que confia no que até agora era a coisa mais ameaçadora: os processos involuntários da vida em seu próprio interior. Eles também têm que lutar contra um controle muito estrito por parte do ego, no qual a razão e a vontade abafarão os processos involuntários.

Agora, meus amigos, a única maneira de confiar nesses processos involuntários é perceber que eles são autorregulados, tão perfeita e completamente quando todas as suas funções biológicas, que vocês dão como certos e cuja natureza autorreguladora jamais lhes merece sequer um pensamento. Não ocorreria a ninguém querer regular a sua corrente sanguínea, seu sistema nervoso, seu batimento cardíaco, o funcionamento do seu fígado, ou qualquer outro órgão interno. Eles fazem o seu trabalho perfeitamente por si mesmos.

Não lhe ocorreria tentar controlá-los e governá-lo através dos seus processos racionais externos e da sua vontade. Caso tentasse tal coisa, isso certamente só causaria problemas, pois a pressão exercida com o poder da vontade desperdiçado, a energia desperdiçada, terminaria por afetar o bom funcionamento dos seus órgãos de forma negativa. Toda energia desperdiçada tem esse efeito. Essa é a base de toda doença física. Os órgãos afetados dependem da sua resistência inata à enfermidade, da sua saúde inerente. As pessoas nascem com alguns órgãos que são mais resistentes ao abuso. Apesar de um consistente abuso corporal, eles continuam a funcionar por um tempo considerável. Outros são muito mais delicados e começam a ceder muito cedo, quando a menor coisa está errada.

Retornando a essa analogia, a tentativa de controlar algo que não é acessível ao comando do ego, só pode criar desequilíbrio, pressão, tensão, ansiedade e finalmente manifestar efeitos negativos. Isso se aplica não apenas ao corpo, mas a todos os níveis da personalidade. Quando começa a concentrar-se no fato que não tem que exercer qualquer força de vontade, qualquer pressão com as faculdades do seu ego para que as suas funções biológicas operem da sua forma perfeita, então você pode ser capaz de ver que o mesmo se aplica a outros níveis.

O mesmo princípio de autorregulação se faz presente na natureza, em cada aspecto possível. Mas você tem que usar o seu ego de forma a nutrir e cultivar hábitos saudáveis para manter os processos involuntários e autorregulados. Essa é a tarefa do ego. Ele tem a possibilidade de escolher hábitos saudáveis para o corpo. O ego tem a possibilidade de escolher cuidar do corpo de modo a manter a saúde. Mas seria pura loucura do ego usar pressão direta para controlar as funções que não reagem dessa forma direta, mas apenas de forma indireta pela escolha de hábitos relativos a alimentação, ao repouso, exercícios, etc.

A mesma relação existe entre o ego e os processos involuntários da vida emocional, das funções criativas internas, da direção que a vida do indivíduo tomar, como um todo.

Esses processos involuntários são tão perfeitos e significativamente regulados, segundo procedimentos legítimos, quanto os biológicos. Se o ego não interfere, a autorregulação ocorre sem esforço e de forma natural. Novamente, o ego tem o seu papel a cumprir. A sua missão é escolher hábitos saudáveis concernentes à atividade da mente, de modo a estabelecer a direção adequada.

A mente humana pode cultivar pensamentos sombrios que encorajam emoções destrutivas. Ou ela pode escolher de forma honesta para com a personalidade, ela pode escolher desmascarar todos os enganos anteriores. Pode livrar-se de todas as ilusões nutridas pelo indivíduo a respeito de si mesmo e olhar para si honestamente. Pode determinar que o indivíduo aceite a si mesmo onde está e como é agora e que abandone a versão idealizada do Eu que ele tenta manter.

Esses são os hábitos saudáveis necessários para que os processos involuntários sejam indiretamente afetados e, portanto, funcionem de maneira confiável. Então a sua natureza autorreguladora pode revelar-se. A tentação de evadir da verdade do Eu deve ser tão rigorosamente superada quanto o rigor do ego deve ser abandonado. É assim que o equilíbrio pode ser restabelecido na personalidade.

O cultivo de tais hábitos mentais saudáveis que o ego escolhe pode ser comparado com o nível físico. Da mesma forma que o corpo responde favoravelmente quando é tratado construtivamente, assim o faz o nível no qual os sentimentos e a intuição criam condições e experiências de

vida. Quando o ego não mais dominar esses processos involuntários, a intuição dará uma nova segurança e ajudará a lidar com a vida. Os pensamentos virão dos mais profundos recursos do plexo solar, em lugar dos processos de pensamentos volitivos e artificiais aos quais o homem está acostumado quando super enfatiza o intelecto. Ele está acostumado a esse desequilíbrio sem sequer saber o que faz e o que perde.

Quando a natureza autorreguladora é experimentada, os processos involuntários se integram com as funções do ego. Então, e só então, a vida pode ser verdadeiramente satisfatória e rica. Existe uma nova liberdade para receber o que vem de dentro. A vida está sendo vivida de dentro para fora, por assim dizer. Isso é autorrealização. Então o indivíduo pode ver como esses processos involuntários são em sua saúde tão confiáveis e autorreguladores quanto um corpo funcionando de forma saudável. Uma vida plena e integrada é absolutamente impossível se essas faculdades involuntárias não recebem permissão para existir.

Quantas vezes vocês dizem: “mas se eu ceder, se eu abrir mão do controle do ego, o que acontecerá? Meus sentimentos podem querer algo que é destrutivo ou que eu desaprovo. “E eu continuo dizendo, sempre e sempre, que isso é bem possível. Desejos não-saudáveis e emoções negativas existem mesmo. São resultado das distorções, das imagens, das concepções errôneas, dos equívocos de experiências dolorosas do início da vida que não precisam, contudo, destruir a sua vida só porque conceitos gerais foram construídos em torno delas. A existência desses desejos e emoções não muda simplesmente porque você reconheceu o que na verdade sempre esteve lá, só que você nunca o admitiu.

Somente depois de ter admitido a presença de material indesejável – desejos e emoções presentes em seu interior – é que você pode começar a experimentar os igualmente presentes, porém ainda mais profundamente ocultos, sentimentos construtivos, o poder positivo inerente à sua natureza mais profunda. Estes últimos sentimentos têm a sabedoria autorreguladora contida em sua própria existência, da mesma forma que as emoções e conclusões destrutivas se tornam autorreguladoras em seus reflexos automáticos, que são impostos a você.

Uma vez que permite a entrada total do material negativo na sua consciência, você deve logo enxergar o poder do material construtivo existente em seu íntimo. E então você vai descobrir aquilo que eu também continuo mencionando, a saber que o homem tem mais medo ainda do seu poder positivo do que de todos os sentimentos e desejos negativos reunidos. Qualquer um que vá fundo o suficiente neste Pathwork de autoconfrontação não pode evitar a descoberta dessa verdade, não importa o quão absurda e ilógica possa parecer a princípio.

Se você teme forças construtivas existentes em seu interior é, novamente, porque ignora a natureza autorreguladora do fluxo cósmico que constitui cada sentimento construtivo. Deixar-se levar por ele parece arriscado – perigoso mesmo. Nessa fase em particular o seu medo vago, ou mesmo distinto, uma vez que se torna consciente, é o seguinte: “para onde isto vai me levar? Para onde irei daqui? O que isso vai me levar a fazer? Perderei a minha identidade, perderei o controle.” Os bons sentimentos parecem ser ainda mais ameaçadores que os negativos no que diz respeito à perda de controle e individualidade.

Também pode existir o medo de que os bons sentimentos possam ser dirigidos para alguém que não os mereça, que não os corresponda da mesma forma, que vá rejeitar, ferir e tirar vantagem.

Essas podem ser objeções válidas, com efeito, mas apenas no que tange ao objeto de afeição; elas jamais justificam a negação dos bons sentimentos em si mesmos, pois se a escolha do objeto de amor é inadequado, isso é precisamente um resultado de imaturidade, ilusão, falta de percepção de si mesmo e portanto, dos outros. É uma fase temporária de crescimento. Este é interrompido quando os sentimentos são barrados. Se o sentimento tem a permissão de funcionar na consciência de que tem que crescer para alcançar a sua natureza autoconfiante e autorreguladora, ele então produz, sem dúvida, a satisfação que não mais precisa ser ainda mais temida que a frustração.

A escolha de objetos de amor que são insatisfatórios e frustrante, ou que até produzem dor, expressam o estado dividido da direção interna do indivíduo: ele quer o sentimento e não o quer; ele deseja a satisfação e a teme. Precisamente por causa desse estado conflituoso, advém a experiência que parece confirmar o medo de abrir mão do controle do ego e de confiar no fluxo de processos involuntários, de sentimentos espontâneos. A experiência difícil nunca é uma prova de que os sentimentos não são confiáveis, mas apenas uma prova de desejos conflitantes e da ignorância do fato de que os sentimentos, a intuição, os pensamentos espontâneos e a inspiração, os processos criativos, submetem-se à sua lei de crescimento como qualquer outra parte do organismo humano. Quando essa parte da natureza humana está plenamente crescida, a qualidade autorreguladora se manifesta cada vez mais. O indivíduo está autorrealizado. Então ele vive no nível do verdadeiro, onde a vida é toda boa.

Mas o homem teme a entrega total aos processos involuntários e portanto não pode descobrir a perfeição da lei autorreguladora. No estado em que encontram agora, em sua maioria, vocês ainda tem o medo de se entregar. Vocês temem a entrega, embora anseiem por ela. Vocês a temem e desconfiam dela, embora compreendam teoricamente a verdade. Pode ser que reconheçam muito claramente a tensão com que vocês recusam a entrega. Caso examinem o seu motivo emocional, irracional para conter os processos vitais e criativos interiores e desconfiar deles, vocês podem terminar com o sentimento de que esses processos são caóticos, que apenas o seu ego é organizado e seguro. Esse sentimento é, novamente, devido à ignorância da natureza autorreguladora dos processos vitais criativos. O reconhecimento desse fato deve ajudá-los a chegar um passo mais próximo da vida real que vive em si mesma, a partir do seu interior.

Um auxílio adicional será compreender claramente que existe uma forma prejudicial de entrega e a sua versão distorcida, da mesma maneira que existe uma versão distorcida e prejudicial de disciplina.

A autorrealização, a plena exteriorização, do que uma pessoa tem de melhor, a integração das funções do ego com os potenciais altamente criativos que ainda estão adormecidos e involuntários, só podem ser produzidos através de constante avaliação e teste de uma disciplina relaxada, alternando-se com uma entrega adequada. Nenhuma dessas atitudes jamais pode ser prejudicial se a seguinte chave for observada: autorrevelação, autoconfrontação e um caminho totalmente verdadeiro. Nada de perigoso pode jamais acontecer, desde que todas as ilusões acerca do Eu sejam rigorosamente abandonadas. Esse é o caminho perfeito, onde a disciplina e a entrega trazem uma harmonia que reconcilia essas duas atitudes aparentemente opostas.

Quando a disciplina está sendo usada contra a entrega porque abrir mão da vigilância do ego significa o reconhecimento de fatos que o indivíduo não quer encarar a respeito do seu Eu, fatos que contradizem ilusões acariciadas a respeito do Eu, a ela se torna um rígido confinamento do processo

criativo. A personalidade se torna rija, sem espontaneidade, vazia de sentimentos reais, presa a regras e regulamentos externos, tensa e temerosa. A disciplina é usada contra a verdade, não pela verdade. É isso que torna opostas a disciplina e a entrega.

Da mesma forma, a entrega se torna destrutiva quando é usada para fugir da verdade: quando ela é resultado da autoindulgência, do cultivo de uma linha destrutiva de menor resistência, da manutenção de atitudes não sadias. Então, a entrega realmente leva a um afastamento do Eu e de fato torna-se tão perigosa quanto o tipo errado de disciplina.

Ambas essas distorções criam uma grossa muralha defensiva na substância da alma, pois ambas desejam evitar a verdade sobre o Eu. Existe uma tensão interna, uma rigidez que separa a personalidade do Eu Verdadeiro, que possui todas as vibrantes energias, a criatividade, e uma riqueza de sentimentos fortes e saudáveis, além de uma flexibilidade suficiente para lidar com qualquer coisa. Em seu lugar há uma fragilidade e uma necessidade de fuga e uma necessidade de ser temerosamente separado, supercontrolado e rígido.

Quando o peso da falsa disciplina impõe uma estrutura demasiada, algumas personalidades entram em colapso. A tensão torna-se grande demais. Outros tipos de personalidade escolhem, como “saída”, a evasão através da indulgência. Particularmente nos tempos atuais, essa é uma ocorrência frequente. Isso comumente tem lugar sob o disfarce de uma entrega real. Quando olhar para o Eu torna-se por demais doloroso, desconfortável ou pouco lisonjeiro, e quando a rígida disciplina excessiva não funciona mais ou quando ela é rejeitada logo de início, a evasão pode finalmente levar ao vício das drogas em uma pessoa; uma outra pode tornar-se um irresponsável. O que a princípio apenas era uma fraqueza, toma proporções sempre maiores; ela perpetua a si mesma, até que a personalidade realmente se perde. Parece que ela não pode mais parar o processo. Ela pode mesmo glorificá-lo sob vários rótulos e pretextos - da mesma forma que a pessoa super disciplinada glorifica o seu caminho.

Aquele que, em razão do medo, é supercontrolado e rígido vai usar o exemplo do oposto crasso – a pessoa totalmente fraca, autoindulgente, o irresponsável, vagabundo, aquele que nega toda a disciplina, toda a responsabilidade – como um aviso para justificar o seu controle exagerado. Ele dirá: “veja, é isso que acontece quando alguém não se controla. Eu não posso me dar ao luxo de me entregar, eu poderia terminar da mesma maneira.” Por outro lado, o indivíduo permissivo para consigo mesmo, aquele que foge da honestidade para consigo, tanto quanto a pessoa excessivamente controlada, vai alegar a justiça do seu rumo com base no exemplo da pessoa rigidamente controlada, que perdeu o contato com a sua própria vida. A “solução” do permissivo não está mais em contato com o Eu Verdadeiro que o seu extremo oposto.

É muito importante, meus amigos, que tomem consciência dessa gangorra que existe em vocês. Dêem-se conta dos extremos formados pela pessoa fortemente guardada, supercontrolada, rígida, sem espontaneidade, sem sentimentos, super vigilante em oposição aqueles que foge do Eu abandonando toda a disciplina. O fator coesivo que torne impossível qualquer perigo, que remove todas as ameaças, que combina os aparentes opostos da disciplina e da entrega é a vontade sempre renovada de ser verdadeiro para com o Eu; de enfrentar o que quer que seja o Eu; de dar o melhor de si para a vida - toda a honestidade, integridade e construtividade, toda a mais sincera e total atenção. Quanto mais isso se torna arraigado, menos motivo para medo existe na entrega e menos é pre-

ciso defender-se contra o que quer que seja. Assim, um ser relaxado e espontâneo é um com o fluxo cósmico da vida.

Na medida em que o medo dos processos não volitivos da vida interior ainda existe e na medida em que estes ainda não recebem confiança, ignorando-se a sua realidade autorreguladora, na mesma medida devem ainda existir o engano, uma vontade de ser destrutivo e negativo e um desejo de trapacear com a vida. Ao contrário, na medida em que uma pessoa cultiva a atitude do tipo “Eu quero olhar a verdade cara a cara, qualquer que seja, sob quaisquer circunstâncias, em todos os momentos e qualquer que seja a dificuldade momentânea, o medo da boa vida deve desaparecer. Quando essa verdade, essa coragem e essa humildade são praticadas e gradualmente tornam-se segunda natureza, não há nada a temer e toda a insatisfação cessa.

Por humildade quero dizer saber que você não conhece todas as respostas. Não presuma, não diga “é isto ou é aquilo”. Não é assim – e mesmo que seja, existe mais aí do que você sabe agora. Se soubesse tudo, você estaria em harmonia com a vida, não haveria angústia, amargura, medo, vazio.

Agora, quando esse compromisso com a verdade é cultivado, não apenas uma vez, mas todos os dias; quando você leva em consideração que existem muitos aspectos em você mesmo, bem lá no fundo, aspectos da sua relação consigo mesmo, com os outros e com a vida que são desconsiderados; quando você se estende e expande em uma busca relaxada por respostas que venham do seu interior; quando você usa as faculdades do seu ego e da sua vontade, sua disciplina, para envolver o seu ser total, no que quer que você faça nessa busca de si mesmo, por exemplo, para achar as respostas para qualquer assunto que esteja em questão; quando você cultiva a verdade e um envolvimento construtivo total no qual dá o melhor de si mesmo, de sua atenção e honestidade; quando essa disciplina é cultivada, então você nada tem a temer da entrega. Quando você realmente quer dar o seu melhor ser total a tudo que faz, nada tem a temer dos processos involuntários. Por que então você irá se convencer da profunda e significativa legitimidade da sua natureza autorreguladora que simplesmente cuida-se sozinha. Você será capaz de fluir na grande torrente cósmica. Você irá descobrir a maravilha da vida, e a maravilha do seu Eu mais íntimo.

Uma vez que concentre nisso a sua atenção, você vai ver em que medida ainda recusa essa honestidade, essa integridade e, também o desejo de dar o seu Eu positivo, o seu melhor, à uma situação ou a um aspecto da vida. De fato, precisamente nas áreas de infelicidade, existe a vontade de ser negativo e destrutivo, de trapacear, de desafiar, de fingir, de não dar mas tomar, de abrigar hostilidade e autopiedade. A sua descoberta dessa vontade facilita grandemente o seu progresso. Você verá que existe envolvida aqui, uma lei que não o faz uma vítima inocente, que não o torna indefeso. O poder de criar a sua vida está todo ali. É um imenso poder, uma vez que você para de afastá-lo com o controle do ego.

Quando você começar a sentir a riqueza e o tesouro que estão encerrados em seu interior, em cada um de vocês, meus amigos, quando externar essa riqueza, você começará a viver. Só então você começará a viver. Isso é possível, na realidade, para todo e cada ser humano que está disposto a seguir esses passos. Descubra aquilo em você que não apenas se recusa a dar o seu melhor, mas que secretamente deseja mesmo dar o seu pior à vida, e você terá uma chave. Você terá uma liberdade de escolha que jamais teve antes. você as sinta e trabalhe com elas real e profundamente; elas vão se mostrar um limiar, através do qual você pode passar. Passar para essa nova vida na qual tudo é diferente e vibrante de alegria e significado e na qual o medo e o vazio não mais têm lugar. Você pode se

aproximar desse limiar compreendendo o que foi dito. Sim, porque essa compreensão vai liberar mais força de vontade na direção correta, mais energia, mais perspectiva, uma sensação mais profunda do que a vida poderia ser e de como isso não é apenas uma teoria, mas uma experiência diretamente disponível e acessível bem no fundo do seu ser, quando você restabelece o equilíbrio entre os processos involuntários e as funções do ego.

Abençoados sejam, meus amigos. Fiquem em paz,

As palavras desta noite provar-se-ão realmente um portal, contanto que fiquem com Deus!

Os seguintes avisos constituem orientação para o uso do nome Pathwork® e do material de palestras:

Marca registrada / Marca de serviço

Pathwork® é uma marca de serviço registrada, de propriedade da Pathwork Foundation e não pode ser usada sem a permissão expressa por escrito da Fundação.

Direito autoral

O direito autoral do material do Guia do Pathwork® é de propriedade exclusiva da Pathwork Foundation. Essa palestra pode ser reproduzida, de acordo com a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação, mas o texto não pode ser modificado ou abreviado de qualquer maneira, e tampouco podem ser retirados os avisos de direito autoral, marca registrada ou outros. Não é permitida sua comercialização.

Considera-se que as pessoas ou organizações, autorizadas a usar a marca de serviço ou o material sujeito a direito autoral da Pathwork Foundation tenham concordado em cumprir a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação.

O nome Pathwork® pode ser utilizado exclusivamente pelas regionais autorizadas pela Pathwork Foundation.